

Revista Mídia e Cotidiano
Resenha
Volume 13, Número 2, agosto de 2019
Submetido em: 16/06/2019
Aprovado em: 05/08/2019

Homo Eroticus: comunhões emocionais

Homus Eroticus: emotional communions

Victor ROCHA¹

MAFFESOLI, Michel. **Homo Eroticus: comunhões emocionais**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

Passamos por um período de notórias mudanças sociais globais. Boa parte dessas mudanças pode ser percebida como resultado das novas relações estabelecidas entre os sujeitos, que foram formuladas, principalmente, a partir de descobertas tecnológicas (desencadeadas principalmente pela internet) e por uma aceleração no ritmo das vidas imersas no cotidiano. Esse período transitório nega, de alguma forma, lógicas que estavam firmadas na modernidade. Tal ruptura permite acreditar que os preceitos que estabeleceram as principais correntes de pensamento dos últimos séculos (iluministas, positivistas, racionalistas etc.) se enfraquecem. É a partir dessa ideia que Michel Maffesoli compõe boa parte de suas produções científicas. O autor explica que, mesmo na modernidade, nunca foi possível alcançar um racionalismo real, perfeito, apesar de se ter idealizado que sim. Já a grande marca da pós-modernidade seria o retorno às subjetividades, em um momento no qual “o instinto avança sobre o racionalismo abstrato” (MAFFESOLI, 2014, p. 7).

Uma análise da obra de Maffesoli ao longo de mais de quarenta anos de produções acadêmicas mostra que o autor é um apaixonado. Tomado por sua paixão (o estudo das subjetividades), ele mergulha em um misto metalinguístico que se converte quase sempre em uma espécie de ode aos afetos, à vida e às emoções. Em “Homo Eroticus: comunhões emocionais” não é diferente. O sociólogo francês mantém o estilo

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC) na Universidade Federal Fluminense (UFF), na linha de pesquisa Linguagens, Representações e Produção de Sentidos. Pesquisador vinculado ao Laboratório de Pesquisas Aplicadas (LaPA) e ao Mídia, Redes e Jovens, ambos do PPGMC. E-mail: victorrrn@yahoo.com.br.

pelo qual é reconhecido e, munido da coerência que envolve toda sua obra, traz uma nova reflexão sobre o retorno “com força” dos afetos nesse período histórico.

A partir da constatação de Max Weber (1864-1920), que verificou um “desencantamento do mundo” na modernidade racionalista, Maffesoli define que agora ocorre um “reencantamento”, quando o afeto e a sensibilidade humanos se libertam após um longo período de contenção. Esse reencontro com as emoções seria possível apenas na relação com o outro, nas comunidades e nas trocas, o que geraria uma nova forma de compreender o mundo e se colocar diante dele. Por esse motivo, o autor defende que, na contemporaneidade, o que foi definido como Contrato Social se transforma e desliza em direção a um Pacto Societal. Enquanto o primeiro, teorizado por pensadores como Thomas Hobbes, John Lock e Rousseau, aponta para a formação lógica de um Estado que organiza as sociedades, a ideia de Maffesoli caminha por uma dimensão sensível em que a disposição social passa a ser formulada a partir dos afetos, pela empatia e a proximidade.

Seguindo essa nova noção, a humanidade e a própria ciência se afastariam (ou deveriam) da procura por leis universais para começar a dar mais atenção à vida, ao que é simples e cotidiano. Assim, também ocorreria o que o autor chama de “presenteísmo”, a preocupação com o imediato e em viver o agora. Não há mais a necessidade de historicizar as coisas como antes, já não importam tanto os caminhos nem construções, apenas o que é dado no instante. O sujeito já não percebe sua finitude. A eternidade não é mais uma meta futurista, mas um reencontro em si, uma mudança temporal da perspectiva linear cronológica para a kairótica, ou seja, das oportunidades, da aventura, da sucessão de instantes intensificados no momento vivido. Há agora o prazer da escolha, do imponderável no lugar do controle sistemático da vida. Essa noção é exemplificada por Maffesoli através da grande adesão aos jogos de azar e entretenimento *on-line*. O autor também argumenta sobre as inconstâncias das relações conjugais e políticas para ilustrar esse tempo em que há liquidez social. Empresas como Airbnb e Uber, as correntes de financiamento coletivo, as novas definições sexuais e a diversidade de tribos urbanas seriam outros fenômenos explícitos desse momento. Em todos os casos, impera o coletivismo, a subjetividade e a noção da sensibilidade em comunhão. Por outro lado, o que é físico, racional e institucional se enfraquece.

Esse pensamento se desenvolve por todo o livro, ganhando força argumentativa. Os conceitos caros ao autor também retornam e dialogam de diferentes formas, perpassando os capítulos. No primeiro deles, “Da realidade ao real”, Maffesoli fala sobre um novo desenvolvimento da sensibilidade no dia a dia e defende que este é o caminho para se alcançar uma visão complexa do mundo. Na estrutura moderna, o olhar para a realidade seria simplificado pela necessidade de um enquadramento racional idealizado, e teria se afastado cada vez mais do que é de fato o real. Na pós-modernidade, porém, essa noção ganha pluralidade a partir do retorno dos afetos.

No segundo capítulo, “Fundações”, o autor destaca a efemeridade das condições sociais, trafegando pelo sentido mutável das palavras e das coisas. Nos traz também um olhar sobre as tradições, tudo o que resiste, o que se desfaz e o que volta. O autor retoma seu já conhecido conceito de “ecosofia” para definir que há um retorno do gosto pelo autêntico, pelo natural, o que é primordial e puro, um sentido primário e instintivo, a “sensibilidade animal”. O ambiente social e o natural voltam a se fundir, o que pode ser observado com a crescente preocupação com os impactos ambientais de determinados hábitos de consumo e a valorização de produtos naturais, por exemplo. Por fim, citando obras de ficção como *Harry Potter*, *O Código Da Vinci* e *Avatar*, conclui que “a base da sociedade pós-moderna se funda sobre a reemergência dos mitos” (MAFFESOLI, 2014, p. 47), ou seja, uma nova aceitação e necessidade de se apegar a folclores, ao que é mágico e sobrenatural. Esse é o reencantamento.

O terceiro capítulo é chamado de “Estar-Com”. Nessa parte da obra, Maffesoli traz suas perspectivas sobre a relação entre pares na contemporaneidade. De acordo com ele, é através das subjetividades que se pode experimentar o “estar junto”. A partir do momento em que se identifica a existência do “eu”, há confronto, já que o “eu” sempre se apresenta diante de um “outro”. Para o autor, entretanto, a pós-modernidade tem muito mais a ver com a ideia de “nós”. Essa noção apurada existiria a partir de um posicionamento holístico diante do mundo, um reajuste às leis de harmonia que permitem a um indivíduo se perder no outro. É assim que ele define as conformações em pactos sociais, o encontro de uma ética estética, ou seja, o elo social que se baseia nas emoções e paixões compartilhadas.

“A lei dos irmãos”, quarto capítulo da obra, é reservado para aprofundar as noções de coletivismo implicadas na pós-modernidade. Para Maffesoli, se existe alguma lei universal, essa lei é a da fraternidade, dos grupos, da comunhão. Por isso a criação das “Tribos Urbanas”, redes esotéricas baseadas na emoção e não mais na razão, quando um sujeito consegue se reconhecer no olhar de outro. “Não se está jamais em si, mas sempre para outrem” (MAFFESOLI, 2014, p. 109).

O quinto capítulo, “Diversidade, Diferença, Disparidade”, relativiza a ideia de que possa existir uma verdade única. Maffesoli fala que já não se deve mais pensar em um universo, mas em um multiverso projetado pelas mais diversas percepções de realidades estabelecidas. Uma lógica “contraditória”, que abre espaços para o diferente e o imperfeito. Essa lógica permitiria uma visão mais completa do real em comparação ao binarismo estabelecido antes.

O livro segue com “O Ideal Comunitário”, sexto capítulo. Aqui a reflexão é focada na compreensão de uma semelhança capaz de aproximar pessoas, mas que não reduz os indivíduos a uma igualdade. A capacidade de verificar as agitações contemporâneas, as raízes do “ser parte”, a ação efetiva em sociedade de um indivíduo que não se fecha em si, a comunidade como local em que se enraíza e articula os modos do “estar-junto”, a aceitação do imperfeito e do diferente que se completa no outro.

“Homo Festivus”, sétimo capítulo, continua a trazer argumentos sobre as comunhões como ponto alto da pós-modernidade. O autor desenvolve o pensamento de que, nesse período, ocorre uma dilatação do “eu” em “nós” por meio dos encontros festivos, das torcidas, das comemorações. Tais encontros seriam inerentes ao indivíduo coletivo já que “os impulsos da vida são irreprimíveis, e há o momento em que eles favorecem tudo o que leva o indivíduo acima dele mesmo” (MAFFESOLI, 2014, p. 205).

O oitavo capítulo da obra, “Ordo Amoris”, fala do amor em seu sentido pleno, como uma forma de se estabelecer o “estar-junto”. Não se trata de algo íntimo, escondido, mas de um fenômeno social de convívio e troca. Nessa perspectiva, os preconceitos são colocados como segregacionistas e racionais. Já o erótico é visto como parte integrante da vida pública e privada, inseparável do ser e determinante para a sociedade. Afetações do sentimento são verificadas nas mais diversas esferas da vida. São debatidos o altruísmo, a empatia, as reações e todo o sentimentalismo do viver-junto. O autor volta a

pensar a ecosofia e o que seria uma “alma do mundo”, um olhar amplo sobre a vida natural e social.

Em “A harmonia da redescoberta”, último capítulo, o sociólogo propõe um apanhado do debate do livro para definir que “ao individualismo epistemológico moderno, egoísta por essência sucede um altruísmo, mais ou menos inconsciente, que o termo empatia exprime muito bem” (MAFFESOLI, 2014, p. 269). Ideias como “instinto” e “natureza” se relacionam à sensibilidade, imaginação e emoção. De acordo com Maffesoli, transportamo-nos de uma lógica moderna vertical para uma lógica pós-moderna horizontal. Tudo se confunde e se aproxima. “Porque é isso que é o coração pulsante da (r)evolução societal em curso: a passagem de um ideal democrático, em que a razão exercia um papel maior, a um outro, o comunitário, em que o emocional será a virtude cardeal” (MAFFESOLI, 2014, p. 278).

Michel Maffesoli não se aprofunda em assuntos de mídia, mas a ligação de suas análises sociológicas e as produções e afetações da comunicação social acontece de forma direta. É importante repensar um mundo no qual as subjetividades ganham força diante do racionalismo para compreender um público cada vez mais movido por emoções, afetável, que redescobre o próprio potencial criador. É igualmente relevante debater as novas ferramentas midiáticas que encontram algum tipo de estabilidade nessa era de incertezas e como elas se encaixam nas lógicas das tribos urbanas, dos afetos e da dissolução da realidade simplificada. “Homo Eroticus: comunhões emocionais” apresenta uma visão bastante embasada, que faz refletir sobre o cotidiano contemporâneo de acordo com o atual ritmo das coisas, dando atenção à lógica dos afetos.